

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI

Resumo

Pensar a multidimensionalidade do envelhecimento enquanto fenômeno se torna fundamental ao se levar em consideração que, para além de todos os tempos, a humanidade sempre quer ter mais tempo, e para isso, precisa envelhecer. E, justamente com essa passagem do tempo, o processo de envelhecimento, que está intrínseco às vivências contextuais e aos estilos de vida, é modificado em suas facetas e situações, levando em consideração a forma como as pessoas passam a experienciar a própria velhice. A partir desse encadeamento de ideias e dentro de uma perspectiva que relaciona a estética e suas noções de beleza, bem como, a Internet e seus desdobramentos, com o “ficar velho”, esta proposta realiza uma reflexão socioantropológica sobre os modos como Instagram apresenta os processos interventivos faciais e, através das representações de um ideal recriado, afeta o olhar para o processo de envelhecimento no século XXI.

Palavras-chave: envelhecimento; internet; estética; beleza; Instagram.

Morgana de Melo Machado
Doutoranda em Ciências Sociais
pela Universidade Federal de
Santa Maria – UFSM. Mestre em
Ciências Sociais pela
Universidade Federal de Santa
Maria – UFSM.

Brasil

morganam.machado@gmail.com
orcid.org/0000-0003-4669-416X
lattes.cnpq.br/6566556403499727

Francis Moraes de Almeida
Doutor em Sociologia pela
Universidade Federal do Rio
Grande do Sul – UFRGS.
Professor da Universidade
Federal de Santa Maria – UFSM.

Brasil

frameses@gmail.com
orcid.org/0000-0002-5488-2147
lattes.cnpq.br/8180956076012731

Para citar este artigo:

MACHADO, Morgana de Melo; ALMEIDA, Francis Moraes de. Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI. **PerCursos**, Florianópolis, v. 24, e0121, 2023.

<http://dx.doi.org/10.5965/19847246242023e0121>

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida

Cuttings of a race: the intervention of an aesthetic ideal of Instagram in the aging of the 21st century

Abstract

Thinking about the multidimensionality of aging as a phenomenon becomes fundamental when taking into account that, beyond all times, humanity always wants to have more time, and for that, it needs to age. And, precisely with this passage of time, the aging process, which is intrinsic to contextual experiences and lifestyles, is modified in its facets and situations, taking into account the way people come to experience their own old age. From this chain of ideas and within a perspective that relates aesthetics and its notions of beauty, and the Internet and its consequences, with “getting old”, this proposal carries out a socio-anthropological reflection on the ways in which Instagram presents the processes facial interventions and, through representations of a recreated ideal, affects the look at the aging process in the 20th century. XXI.

Keywords: aging; onternet; aesthetics; beauty, Instagram.

1 Considerações introdutórias

“Somente os idiotas se lamentam de envelhecer”

(CÍCERO, 44aC)

Cícero, em “Saber envelhecer”, já preconizava envelhecer como a arte de encontrar o prazer que cada idade proporciona. Contudo, na contemporaneidade caracterizada pela individualidade, rapidez, mudança, competitividade, dentre outros aspectos moduláveis por sistemas de poder que a controlam, o envelhecimento é um fenômeno que está exposto a modulações sociais que nos prometem jovialidade eterna acompanhada pelo medo de envelhecer.

Seguindo a tendência da quantificação dos valores, já descrita como tendência ao desencantamento do mundo, por Weber (2004), levou à constituição, na contemporaneidade, de um mercado de bens de consumo que se instaura em torno do corpo e oferece às subjetividades valores e princípios estéticos que, através da idealização da corporeidade, estetizam e controlam os sentidos e sentimentos do ser em si mesmo. Daí que não se pode simplesmente “envelhecer”; é instituído o “envelhecer bem”.

Para tanto, a internet e as redes sociais se tornam grandes disseminadoras desse ideal, cuja mensagem traz consigo a necessidade de ser “magro”, “bonito”, “jovem”, “rápido” e “saudável”, instituindo padrões e formas sobre como devemos nos comportar para sentir, agir, comer, dormir, se exercitar, viajar, trabalhar, namorar, vestir, interagir, comprar e viver para ter a “qualidade de vida” com a qual devemos “sonhar”. Por um lado, um olhar para a longevidade poderia promover estímulo para uma vida melhor, quando a velhice passa a ser considerada um processo da vida humana. Por outro, percebemos um conjunto de práticas que visam maximizar a felicidade na velhice através da responsabilização individual por cada um envelhecer bem, por meio da noção de envelhecimento ativo (SIQUEIRA; ALMEIDA, 2017).

Em nosso enfoque, essa promessa atual de felicidade pode ser moldada por duas perspectivas que se entrelaçam para tornar viável o projeto da “melhor ou maior idade”: a internet das redes e a estética da beleza. Os padrões de beleza orquestrados pelas ações midiáticas, potencialmente, impulsionam representações que, por sua vez, são introjetadas nos imaginários individuais e coletivos, e, de certa forma, acabam moldando a forma como nos comportamos em qualquer idade. Esse movimento é muito bem ilustrado em pesquisas que revelam o medo de envelhecer do brasileiro¹ que, ao mesmo tempo, quer ter uma vida longa.

Nesse viés, viver a temporalidade significa pensar, sob diversos aspectos da vida, o modo como estamos envelhecendo. Por meio de uma análise de imagem utilizada como recurso metodológico para este artigo, em um primeiro momento, definimos nossa revisão de literatura, delineando nosso objeto de reflexão; em um segundo momento, trazemos a construção “imagem-hashtag” para pensar as significações e noções possíveis em torno da condição imagética a que nos referimos (JOLY, 1996), circunscrevendo uma leitura sobre os contextos, suas impressões e expressões, através de uma linguística e suas possibilidades de interpretação.

Assim, nosso argumento se constrói a partir de como interlocutoras vivenciam suas experiências e respectivas afetações no Instagram a partir de um olhar sobre as *hashtags* e suas imagens que perfazem um imaginário ocidental acerca do envelhecimento. Interessa-nos aqui pensar como esses novos modos de envelhecer são apresentados e representados na internet, produzindo subjetividades de estética e beleza que comportam os indivíduos e os levam a aderir a procedimentos estéticos interventivos faciais para “barrar” as expressões que a própria passagem do tempo vai deixando em cada rosto.

¹ Em 2015, a farmacêutica Pfizer divulgou uma pesquisa sobre as percepções dos brasileiros de diferentes faixas etárias sobre a velhice. Apenas 9% dos entrevistados afirmaram não ter medo de envelhecer. No entanto, ao serem questionados sobre a expectativa de vida, 35% revelam que esperam viver de 76 a 85 anos, 46% estimam os últimos dias com idades entre 86 e 120 anos (FÉLIX, 2015).

2 Rostos e a estética da beleza e suas reconfigurações

Um dia, quando estiver velho, enrugado, feio, quando o pensamento vier, com suas linhas, murchar-lhe a testa, e a paixão, com seu fogo medonho, vier cauterizar-lhe os lábios, você vai senti-lo de modo terrível. Você, agora, onde quer que vá, encanta o mundo. As coisas serão sempre assim?... Você tem um rosto lindo, maravilhoso, sr. Gray.

Oscar Wilde, em “O retrato de Dorian Gray” (2010, p. 38)

Em sua obra prima, escrita em 1891, Wilde, ao ilustrar os conselhos de Lorde Henry a Dorian Gray, o belo jovem que se obceca de uma forma patológica pela jovialidade eterna, nos permite compreender um pouco das lógicas da estética e da beleza em seus padrões no século. XXI. Nesse viés, a estética atravessa e demarca cada uma dessas esferas científicas, e, enquanto uma ciência que se dedica à filosofia da arte como manifestação do belo, busca sempre investigar as práticas sobre beleza nas práticas sociais.

Desde as denominações de Kant a respeito do juízo estético a priori, que passa pela inflexão entre o classicismo e o romantismo alemão em Schiller, em sua preocupação com a educação estética do homem, ou ainda, se desdobra na preocupação de Hegel em classificar objetivamente a própria estética, que, enquanto campo de pesquisa da filosofia da arte, vem sendo cristalizado e se posicionando dentro de uma tendência sócio-histórica, que por sua vez, contempla as manifestações culturais do próprio homem em seus diversos contextos e experiências de vida. Assim, as regras da arte para a experiência estética, já suscitadas por Hegel (2009), que realiza uma reflexão para classificar a beleza ideal do plano abstrato e a beleza natural das imperfeições, colocam em prática a caracterização dos padrões de beleza para um ideal.

Se examinarmos os sinônimos de belo e feio, veremos que enquanto se considera belo aquilo que é bonito, gracioso, prazenteiro, atraente, agradável, garboso, delicioso, fascinante, harmônico, maravilhoso, delicado, leve, encantador, magnífico, estupendo, excelso, excepcional, fabuloso, legendário, fantástico, mágico, admirável, apreciável, espetacular, esplêndido, sublime, soberbo; é feio aquilo que é repelente,

horrendo, asqueroso, desagradável, grotesco, abominável, vomitante, odioso, indecente, imundo, sujo, obsceno, repugnante, assustador, abjeto, monstruoso, horrível, hórrido, horripilante, nojento, terrível, terrificante, tremendo, monstruoso, revoltante, repulsivo, desgostante, aflitivo, nauseabundo, fétido, apavorante, ignóbil, desgracioso, desprezível, pesado, indecente, deformado, disforme, desfigurado (para não falar das formas como o horror pode ser manifestar em territórios designados tradicionalmente para o belo, como o legendário, o fantástico, o mágico o sublime. (ECO, 2015, p. 19)

Por meio de uma lógica apresentada pelo referido autor, aquilo que representa o feio, em alguma medida, estaria associado ao “deformado, disforme ou desfigurado” e suas degenerações. É neste sentido, que a própria velhice enquanto passagem final da vida é associada à feiura ao longo da história e na atualidade, mais do que nunca. Se estar feio significa, em última análise, não ter mais valor estético, então poderíamos deduzir que o envelhecer é também associado a um tipo de “enfeiecer”. Na medida em que pode carregar consequências como improdutividade ou perda de funcionalidade e de estima social, além das inexoráveis mudanças do corpo, o processo de envelhecimento enquanto um momento de vida acaba associado à perda de um belo, que dá lugar ao feio. Assim, um medo de envelhecer passa a ser associado ao exterior mais evidente dos sinais de velhice: a aparência física.

Surge, neste contexto, um ideal de beleza recriado para condicionar os significados da própria aparência física na velhice. Em um mundo no qual os indivíduos, em seus processos de interação e reciprocidades intrínsecos às suas experiências, constroem sentidos em seus cotidianos e nas próprias sociedades, a (re)construção da realidade do envelhecimento como fenômeno social, posto dentro do clássico processo que compreende a internalização de sentimentos ligados ao medo e ao feio, uma externalização de pensamentos e ideias através de novos hábitos de vida e institucionalização de novas convenções sociais para o próprio envelhecer (BERGER; LUCKMANN, 2011) pode ter parte de sua objetificação associada a novas práticas de reconfiguração estética, sobretudo no que se refere à remodelação dos rostos.

O visagismo de Fernand Aubry² que se coloca como uma arte para embelezar, esculpindo para transformar, por meio da harmonia e da proporção ligadas à jovialidade facial (HALLAWELL, 2010), impede, cultural e socialmente, o velho de “envelhecer” para se tornar “feio e com rugas”. Na metamorfose do rosto e sua problemática relação com a passagem do tempo, que é também o “lugar do outro” que emerge no âmago do vínculo social (LE BRETON, 2018, p. 11), e assim vira matéria simbólica para a fixação da juventude eterna, modificar suas nuances e expressões significa celebrar um privilegiado individualismo da contemporaneidade.

Em meio à busca por padrões estéticos de beleza associada ao medo de envelhecer como mal do novo século, intervir no rosto para barrar os impactos do tempo se torna medida de urgência. Para tanto, mercados e técnicas interventivas de beleza são instaurados tornando viável a necessidade de estilização como um ato de configuração de si (LE BRETON, 2018). Nesse contexto, procedimentos como a Harmonização Facial são cristalizados através de práticas ganham espaço nos novos estilos de vida. E, especialmente com o incremento da disseminação de informações pela internet, por meio das diversas plataformas, a busca e o acesso à própria HF geraram um mercado profícuo e instauram um campo de pesquisa e atuação que cresce exponencialmente³.

² Maquiador nascido em 1907. Considerado o precursor do visagismo no mundo da beleza. Em 1937 escreveu o livro ‘Visagisme’ com técnicas de visagismo e Make-Up. Célebre frase: de Fernand Aubry: “Não existe mulher sem beleza, mas apenas belezas escondidas que não foram reveladas”. Disponível em: [https://visagismo.com.br/visagismo/sobre-o-visagismo/a-historia-do-visagismo#:~:text=1%3A%20Fernand%20Aubry%20\(1907%2D1973\)&text=O%20termo%20visagisme%2C%20palavra%20derivada,definiu%20o%20conceito%20do%20Visagismo](https://visagismo.com.br/visagismo/sobre-o-visagismo/a-historia-do-visagismo#:~:text=1%3A%20Fernand%20Aubry%20(1907%2D1973)&text=O%20termo%20visagisme%2C%20palavra%20derivada,definiu%20o%20conceito%20do%20Visagismo) Acesso em: 30 nov. 2022.

³ “De acordo com dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, entre 2014 e 2019 o número de procedimentos de harmonização facial subiu de 72 mil para 256 mil ao ano, levando em conta apenas os procedimentos feitos em homens – um crescimento de 255%. No Google Trends, ferramenta que monitora as tendências do buscador, as pesquisas pelo termo “harmonização facial” cresceram 540% somente em 2020, apontando que há um amplo interesse pelas técnicas.” De fato, houve um aumento de buscas em 2019, mas após o ápice da pandemia parece ter havido uma queda (DINO, 2020).

3 A internet e a (re)produção dos imaginários que desdobram comportamentos

Perceber-se na simbólica do rosto e se importar com a própria fisionomia é um comportamento que acompanha os indivíduos desde quando passamos a nos dar conta da nossa própria individualidade e particularidade no mundo (LE BRETON, 2018). Neste sentido, primeiro o retrato, depois o espelho, e, posteriormente, a fotografia se tornaram instrumentos importantes para fazer do rosto espaço de individualização de cada corpo, atribuindo-lhe personalidade na aparição do sentido de si (LE BRETON, 2018, p. 44).

Essa constituição intencional e íntima de um *ethos* no mundo estético, que compreende nossa própria experiência com nossos corpos e com os processos de reciprocidade nas vivências do mundo, mantém-se e adquire novos instrumentos. Mais recentemente, com o advento das redes sociais, a *selfie* se tornou uma potencial ferramenta para nos expormos e também para ficarmos expostos ao imaginário contemporâneo, cada vez mais retroalimentado por imagens que nos afetam (BERGSON, 1994), seja nos corpos esculpidos das atrizes e de outras *performers* midiáticas, seja nos recortes das peles em que nossos(as) pares habitam, cuja influência estimula intenções para possibilidades de experiências subjetivas do corpo calcadas em novos elementos, que contemplam novos estilos de vida contemporâneos, em que a liberdade do espírito e da alma é “comprada” com tudo que é mais intenso, invasivo e interventivo. Nesse embalo, vamos culturalmente nos reconstituindo e fabricando em nós mesmos múltiplas identidades através da alteração interventiva do próprio corpo (HARAWAY, 2000).

Para viver os processos de interação em ambientes digitais, nos expomos buscando arquitetar um “rosto de Instagram”, um tipo de construção de si mesmo para projetar o eu em matéria de personalidade e identidade (TURKLE, 2005). Assim, um ideal de rosto é construído, cuja pele é plácida e limpa, sobancelha definida e cílios prolongados, além do nariz afinado e da boca com volume. Assim, instaura-se um ideal de perfeição presente na construção de filtros na plataforma e que é fomentada pela própria influência cotidiana das redes sociais em nossas vidas.

De certo modo, a internet acaba reconfigurando, através de novas formas de individuação, nossos comportamentos, gerando significativo impacto no modo como as pessoas entendem a passagem de suas próprias vidas e seus efeitos de longevidade. Com isso, a relação entre cultura e tecnologia condiciona um hiato de reflexão acerca de como enxergamos a nós mesmos e como nos experienciamos diante do computador, e, sobretudo aqui, nas redes sociais.

Nesse contexto, cabe ressaltar o agenciamento biopolítico implicado pelo império do ideal de perfeição estática aqui descrito. Seguindo as indicações de Rose (2007) destaca-se que a política, desde muito tempo, tem se preocupado com a vida daqueles que são governados; contudo houve mudanças no campo das biopolíticas dos séculos XVIII, XIX e praticamente de todo o século XX para o nosso século atual. Antes, a “política da vida” era uma política da saúde que tinha como foco as taxas de nascimento, de morte, de epidemias, do saneamento e de outros aspectos da vida nas cidades. No entanto, de acordo com o autor, busca-se, atualmente, promover uma “política da vida em si mesma”, que não se delimita pelos polos saúde/doença e que não está focada em eliminar patologias com o objetivo de proteger a nação. “Ao contrário, está preocupada com nossas crescentes capacidades de controlar, administrar, projetar, remodelar e modular as próprias capacidades vitais dos seres humanos enquanto criaturas viventes” (ROSE, 2007, p. 16, tradução nossa).

Na perspectiva de uma biopolítica contemporânea, característica das democracias liberais, o que está em jogo é ampliar cada vez mais as capacidades de manipular a vitalidade, o desenvolvimento, o metabolismo, os órgãos, o cérebro. É a própria vida que se torna foco do governo. A conquista dessas capacidades de gestão da vida está ligada à “mercadização”, “autonomização” e “responsabilização” e, de acordo com Rose, em nenhuma parte, elas foram mais eloquentes do que no campo da saúde, em que os pacientes são cada vez mais estimulados a tornarem-se consumidores ativos se responsáveis de serviços médicos e de produtos que vão de drogas medicinais a tecnologias de reprodução e testes genéticos. Neste viés, a internet e suas redes é utilizada como plataforma de impulsionamento para a instauração desta política de investimento em si, que se ocupa, cada vez mais, em propor artifícios que contemplem os

novos individualismos propostos pelas experiências e vivências sociais nas sociedades ocidentais.

4 Considerações metodológicas

A condução da pesquisa realizada neste artigo baseia-se no método indutivo e consiste em uma pesquisa etnográfica que, desde suas propostas mais clássicas (MALINOWSKI, 1976) até as contemporâneas (CARDOSO DE OLIVEIRA, 2000; MAGNANI, 2009), fundamenta-se no emprego da observação participante. Dessa forma, no momento inicial houve uma familiarização com a linguagem, comportamentos e ideais estéticos de mulheres que realizam procedimentos estéticos em suas faces e que compartilham ativamente suas ideias e valores em redes sociais digitais; posteriormente, isolando-se postagens na plataforma Instagram como fonte para a construção do corpus empírico. Cabe ressaltar que a abordagem ora apresentada seguiu as orientações metodológicas do campo de uma antropologia sobre o digital, de acordo com Daniel Miller (2012) e Christine Haine (2004), pois consideramos não ser mais possível pesquisar temas como esse como se houvesse um “fora” do digital, como nos sugere Lupton (2015).

Sendo assim, após a referida familiarização com o campo e a delimitação de um corpus de pesquisa, que foi feita abarcando três interlocutoras com as quais foram realizadas entrevistas semi-estruturadas (conforme visto no quadro 1), que tiveram com foco principal as redes sociais digitais. Destacamos que este artigo é o recorte de um trabalho de campo sobre beleza facial⁴ em um salão de beleza na cidade de Santa Maria – RS.

Nesse contexto, estabelecemos contato com as três referidas interlocutoras, com quem dialogamos sobre o “envelhecimento”, temática atravessadora de um problema maior de pesquisa, questionando-as diretamente sobre as imagens reproduzidas no

⁴ Trabalho de campo etnográfico desenvolvido para tese de doutoramento no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, pela Universidade Federal de Santa Maria, que está sendo realizado em salões de beleza da cidade, sobre a temática da estética facial contemporânea, sob o título: “Eremitas da beleza: notas etnográficas sobre as diversas fases da estética facial contemporânea durante o ciclo da vida”.

Instagram ao selecionarmos as hashtags #envelhecerbem e #harmonizacaofacial. Salientamos ainda que nosso acesso ao Instagram e ao recorte de imagens das referidas hashtags para elaboração deste artigo data de 22 de agosto de 2022. Entretanto, essa interlocução aconteceu em um mesmo espaço de beleza, realizada em 17 de novembro de 2022. Ao acessarmos as referidas hashtags, observamos que não houve mudança nas imagens em decorrência da diferença de datação (Quadro 1).

Quadro 1 –Características sociais das três interlocutoras do estudo

INTERLOCUTORA B	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 68 anos ▪ Professora universitária aposentada ▪ Branca ▪ Classe média ▪ Não possui Instagram
INTERLOCUTORA B	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 64 anos ▪ Dona de casa ▪ Branca ▪ Classe média alta ▪ Possui Instagram com perfil pessoal e demais redes sociais
INTERLOCUTORA C	<ul style="list-style-type: none"> ▪ 61 anos ▪ Pastora evangélica ▪ Branca ▪ Classe média alta ▪ Possui Instagram com perfil profissional

Fonte: elaborado pelos autores, 2023.

Conforme o quadro acima, é importante reiterar que as entrevistadas são todas mulheres acima dos 60 anos, de cor branca, pertencentes a uma mesma classe social⁵, com funções profissionais diferentes, bem como com usos das redes sociais distintos. Metodologicamente, a pesquisa foi organizada por meio de entrevistas individuais com as interlocutoras sobre beleza e, no que se refere à temática central deste artigo, com

⁵ Entendemos classe social como sendo “[...] conjuntos de agentes que ocupam posições semelhantes e que, colocados em condições semelhantes e sujeitos a condicionamentos semelhantes, têm, com toda a probabilidade, atitudes e interesses semelhantes, logo, práticas e tomadas de posições semelhantes. (BOURDIEU, 1998, p. 136)”. Rompendo com a leitura economicista de Marx sobre as classes, Bourdieu propõe uma visão prática das mesmas, por meio de uma articulação conjunta entre capitais econômico, cultural, social e simbólico, que, por sua vez, determinam o que o referido autor entende como *habitus*, na medida em que este condiciona o gosto e determina, assim, os estilos de vida.

especial enfoque nos reflexos do olhar dessas mulheres acerca da matéria simbólica das hashtags #envelhecerbem e #harmonizacaofacial, primeiramente em posts separados, e por fim, em um post que congrega o uso das respectivas hashtags simultaneamente.

Para entender como as repercussões comportamentais oriundas das mensagens contidas nas redes sociais, em especial o Instagram, podem dizer respeito a um conjunto de representações, construções e linguagens, utilizamos Santaella e Nöth (2013, p. 193-199), que qualificam três aspectos sobre as formações imaginárias e que devem ser observados: o imaginário identificatório, o corte do real e a síntese simbólica. O primeiro diz respeito a um registro psíquico em primeira mão daquilo que está imediatamente expresso; o segundo, erroneamente confundido com a noção corrente de realidade, diz respeito àquilo que diante do imaginário primário, tange e provoca conflito em nossa ordem simbólica, tornando-se uma espécie de resíduo em toda a nossa sequência interpretativa sensória; e o terceiro, por sua vez, diz respeito à ordem da estrutura regrada, em que falam a cultura e seus processos de reciprocidade.

5 A imaginação da face da velhice no Instagram

Quando a juventude se for, a beleza irá com ela e você descobrirá, de repente, que não restaram muitos triunfos por conquistar, ou terá que se contentar com os triunfos perversos que a memória do passado tornará ainda mais amargos que as derrotas. E cada mês que feneça o fará aproximar-se, mais e mais, de algo medonho. O tempo tem inveja de você e abre guerra contra seus lírios, suas rosas. Você ficará pálido, de bochechas fundas, de olhos opacos. Você sofrerá horrivelmente... Ah! Perceba a juventude enquanto a tem. [...] Jamais voltamos à juventude. A pulsação da alegria, que bate em nós aos vinte, preguiça. Nossos membros falham, nossos sentidos apodrecem. Degeneramo-nos em fantoches repugnantes, assombradas pela memória das paixões das quais tivemos tanto medo e as intensas tentações às quais não ousamos ceder. Juventude! Juventude! Não há absolutamente nada no mundo além da juventude!

(WILDE, 2010, p. 39)

Nas sociedades ocidentais, quando a pessoa idosa sofre com os processos de desfiguração pela passagem do tempo, ela começa a conviver com os estigmas da sociedade em que vive. O medo de ter as feições do rosto desfiguradas como Wilde se refere ganhou uma designação psicopatológica: a Gerontofobia⁶. Esse temor de envelhecer presente na contemporaneidade (ADLER, 1999; GOLDENBERG, 2011; SIQUEIRA, 2014; UCHÔA, 2003) coloca e, evidencia a própria influência da cultura ocidental nesse processo. Para além da natural aproximação com a morte, esse comportamento pode ser entendido através do modo como cada pessoa se reconhece no processo de envelhecimento. Esse olhar, na atualidade das redes, passa necessariamente, pelo filtro das imagens que podem recriar um ideal de juventude e de velhice, submetido às normas, regras e convenções sociais, por meio das discursividades que passam pelas fotografias editadas e palavras de especialistas sobre as chamadas “novas formas de envelhecer”, sob o imperativo do envelhecimento ativo (SIQUEIRA; ALMEIDA, 2017).

Note-se que a partir de 2010 o desenvolvimento de algoritmos de sugestão para a ampliação do número de usuários em redes sociais digitais, em especial o Facebook, aliado ao já corrente fenômeno da autocomunicação de massas (CASTELLS, 2017) deu origem a um quadro distinto daquele já descrito ao longo do século XX. Descrevendo a popularização da televisão e a hegemonia cultural das produções cinematográficas norte-americanas, Morin (2009) vê o alvorecer de olímpianos modernos, vedetes adotadas como modelo de beleza e adoradas pelas massas, seguidas pela imprensa e tendo seus feitos notórios noticiados de modo sensacionalista. Por contraste, não há um editor, uma marca ou um modelo planejado profissionalmente nas tendências estéticas aqui descritas e no desejo do nunca envelhecer. A hegemonia é definida pela popularidade, pelo número de curtidas e pela caixa-preta algorítmica que reforça comportamentos e ideais estéticos impossíveis de serem alcançados sem intervenções externas.

⁶ “A velhofobia está cada vez mais explícita, perversa e cruel”, diz antropóloga que estuda o envelhecimento, e que é referência no tema no país. Mirian Goldenberg aponta que 90% da violência contra os idosos se dá dentro de suas próprias casas e faz apelo por transformação dos valores na sociedade (GOLDENBERG, 2020).

Nesse contexto, múltiplas tendências acabam sendo reforçadas socialmente pelas redes sociais digitais, em especial o Instagram: individualismo, hedonismo, narcisismo. O *on* com o *off line* (HINE, 2015) se transfundem em cotidianos de exposição, as implicações socioindividuais se desdobram em duas partes: a primeira delas diz respeito ao que vemos; a segunda se refere aos sentidos evocados por essas imagens. Partimos, aqui, da noção de análise de imagem para pensar as possíveis interpretações e significados contemporâneos sobre nosso objeto, entendido como a velhice, especialmente percebida como uma retórica que se apresenta no Instagram.

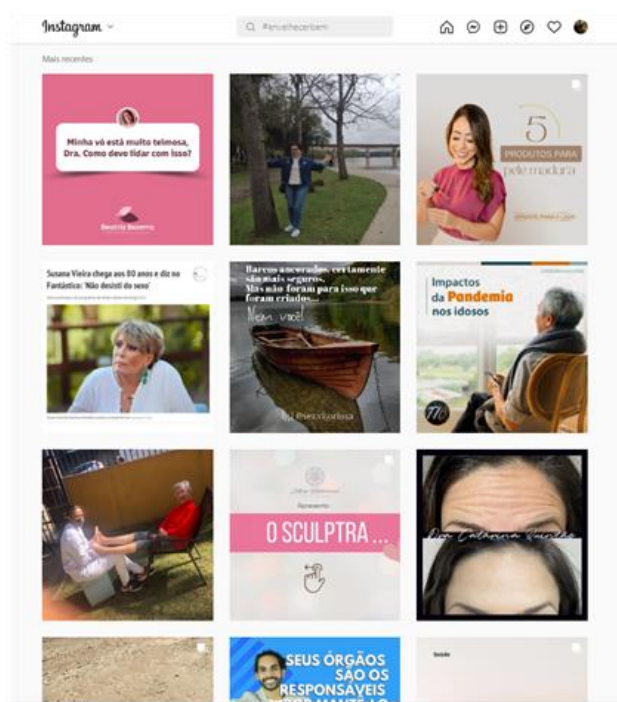
No que se refere à retórica como *inventio*, como modo de persuasão, Barthes reconhece na imagem a especificidade da conotação: uma retórica da conotação, isto é, a faculdade de provocar significação segunda a partir de uma significação primeira, de um signo pleno. (JOLY, 1996, p. 82)

Ao entendermos a retórica por meio da influência como ponto central de persuasão imagética, que leva a desencadear comportamentos individuais, buscamos, por um lado, elencar imagens que representem o processo de envelhecimento nas sociedades ocidentais (LE BRETON, 2011) enquanto estética e sentimento.

Assim, utilizando a classificação de Santaella e Nöth (2013), acompanhamos no Instagram duas hashtags como exemplificação e apresentamos para nossas interlocutoras, buscando uma interpretação para suas respectivas percepções e sentidos com essa interface: #envelhecerbem (108.728 publicações em 22 de agosto de 2022), conforme a imagem 1, e #harmonizacaofacial (2.725.352 publicações, em 22 de agosto de 2022), conforme a imagem 2.

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida

Imagem 1 – print #envelhecerbem



Fonte: Instagram. Acesso em 22 de agosto de 2022.

Ao escrever a palavra “envelhecer” na busca do Instagram, automaticamente a plataforma nos sugeriu muitas outras hashtags, tais como #envelhecercomsaude, #envelhecersaudavel, #envelhecercomestilo, #envelhecerfeliz, #envelhecersemadoecer, #envelhecersemficarvelho, dentre outras. A escolha pela hashtag #envelhecerbem se deu pelo número significativo de publicações que, aliás, é maior do que da hashtag #envelhecer. Quando clicamos na hashtag #envelhecerbem, observamos uma série de publicações, cujas principais mensagens giram em torno das reflexões sobre como lidar com o próprio corpo, os cabelos brancos, a flacidez dos braços, as dores da idade, além das sugestões de vários profissionais sobre a importância da realização de atividades físicas, dos procedimentos estéticos ou de cuidados diários ou autocuidado, ou ainda sobre equilíbrio emocional, e, sobretudo, como conciliar o envelhecimento com a beleza, presente em diversos post que trazem como pergunta principal: “como envelhecer bem?”

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida

Imagem 2 – print do Instagram com hashtag #envelhecerbem



Fonte: Instagram. Acesso em 22 de agosto de 2022.

Ao confrontarmos nossas interlocutoras com as imagens da hashtag #envelhecerbem, inclusive perguntando o que significava, para cada uma delas, a expressão “envelhecer bem”. Observamos que a interlocutora A, primeiramente, desconhece uma influência direta do Instagram em suas referências estéticas.

Não busco imagem em rede social para fazer um corte de cabelo ou qualquer tipo de procedimento. Hoje não existem mais mulheres bonitas como uma Rita Hayworth ou uma Audrey Hepburn, por exemplo. Todas são iguais e não quero ser igual a ninguém... muito menos na velhice. Para mim, ‘envelhecer bem’ significa poder tomar meu vinho... fazer minha caminhada de manhã... conversar com amigos e estar perto das pessoas que eu gosto. (Interlocutora A, 22 ago. 2022)

A interlocutora B apresenta um maior grau de exposição às redes sociais, sobretudo ao Instagram, buscando referências atuais nas personalidades midiáticas, no que se refere à forma como estas expõem nesses espaços os modos como estão vivendo o envelhecimento:

Eu sigo a Iris Apfel... adoro ver o que os esteticistas falam sobre como Jane Fonda e outras estão envelhecendo... sigo muitos especialistas, inclusive daqui... e já fiz, recentemente, alguns procedimentos. As coisas mudaram... precisamos acompanhar para poder 'envelhecer bem'... as mulheres de 60 anos não podem aparentar 60 anos hoje como aparentavam há anos atrás. (Interlocutora B, 22 ago. 2022)

Já a interlocutora C, quando questionada sobre o Instagram e a hashtag #envelhecerbem, afirmou nunca ter pesquisado de maneira direta e pontual sobre envelhecimento na plataforma, nem ter buscado por referências de influencers ou famosas, de modo que, ao buscar informações sobre especialistas e procedimentos estéticos possíveis, a própria plataforma acabou sempre por direcionar ou personalizar sua busca, conduzindo para tópicos que, de algum modo, trazem informações sobre o assunto já que, afora o cuidado estético clássico de cuidar do cabelo e das unhas, realiza intervenções estéticas desde os 40 anos:

Como herdei as bolsas embaixo dos olhos e o excesso de pálpebras da minha mãe, acabei fazendo blefaroplastia com 47 anos. Antes disso, logo que iniciaram os peelings e o botox, eu comecei a por. Sigo o Dr. Barakat e já me internei no instituto dele em São Paulo por três dias, quando estava um pouco acima do peso... estou sempre tentando me cuidar, já que é preciso estar bem e demonstrar isso nos cultos para quem nos segue. E para mim... sempre adorei a imagem da Hebe... como vamos envelhecer e não tem jeito... tento fazer como ela... sempre se arrumando para estar bonita... mas primeiro para mim! (Interlocutora C, 22 ago. 2022)

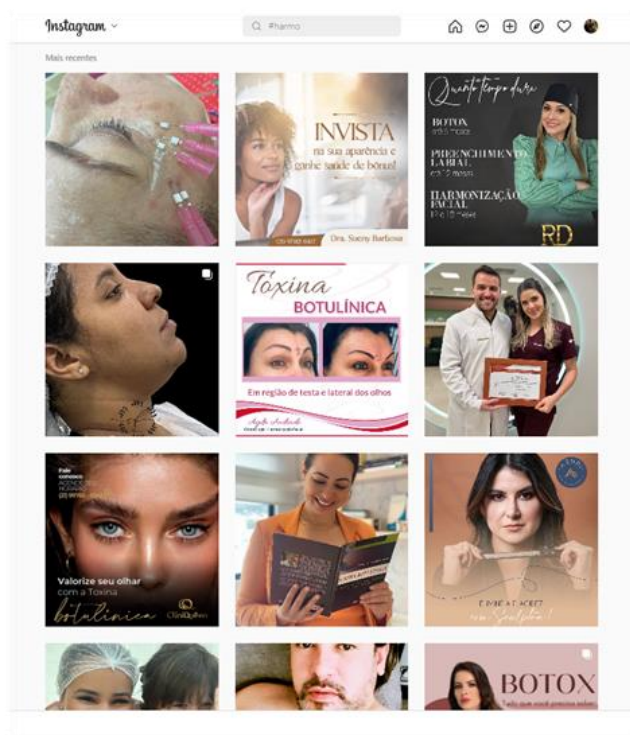
Dessa forma, reconhecemos nos depoimentos das três interlocutoras a construção de um ideal de beleza projetado pelas imagens de figuras midiáticas famosas (MORIN, 2009), que, de algum modo, é potencializado e impulsionado com a incidência e articulação das redes sociais e da própria internet sobre essas informações. E a respeito da projeção sobre #envelhecerbem, há uma divergência de pontos de vista em torno das formas como cada interlocutora enxerga seu próprio processo de envelhecimento em suas práticas particulares; porém, todos esses significados e sentidos convergem para aquilo que entendemos como novas formas de envelhecer (ADLER, 1999; GOLDENBERG,

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida

2011; SIQUEIRA, 2014; UCHÔA, 2003), que envolvem cuidado, relacionamentos e referências sociais, dentre outros aspectos.

Outra hashtag que escolhemos se refere à recente efervescência do conceito de harmonização facial e sua aplicabilidade com diversas técnicas que constituem um campo promissor dentro do mercado da estética aplicada.

Imagem 3 - #harmonizacaofacial



Fonte: Instagram. Acesso em 22 de agosto de 2022.

A escolha pela hashtag #harmonizacaofacial (Imagem 3) se deu também pelo número superior de publicações em relação à #harmonizaçãofacial. Quando acompanhamos a hashtag, observamos nas diversas postagens a construção de uma imagem em torno do rosto e a busca por padrões contemporâneos de beleza do rosto, tais como volume da boca, redução das bochechas, levantamento de pálpebras e sobrancelhas, afinamento de nariz, clareamento de pele, além de diversos profissionais em suas clínicas de atendimento, com seus jalecos, agulhas e adereços, posando para

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida

fotos que creditam seu trabalho para a aplicabilidade das muitas técnicas. Dentre as mais conhecidas estão a aplicação de botox e o preenchimento com ácido hialurônico⁷.

Tanto para mulheres, quanto para homens, tanto para jovens, quanto para os mais velhos, as sugestões de técnicas interventivas são numerosas, além da informação sobre benefícios das técnicas, já que poucas são as postagens sobre os prejuízos ou danos. Além da naturalização dos filtros em imagens, também observamos muitas conexões com as noções de “autoestima” e “amor próprio”, além das muitas referências midiáticas, com especial referência de um grande número de postagens com a imagem da atriz norte americana Angelina Jolie (Imagem 4), hoje símbolo e parâmetro de ideal de rosto, tanto para o próprio campo dos profissionais da harmonização facial, quanto para o mundo da estética.

Imagem 4 – post com a hastag #harmonizacaofacial



Fonte: Instagram. Acesso em 22 de agosto de 2022.

⁷ Algumas das técnicas mais usadas para realizar uma harmonização facial são:

1. Preenchimento do rosto: Geralmente o preenchimento é realizado com ácido hialurônico, com o objetivo de aumentar o volume das maçãs do rosto, queixo ou lábios, por exemplo. Além disso, o preenchimento com ácido hialurônico também é utilizado para nivelar sulcos, rugas e preencher olheiras profundas. A intervenção pode durar cerca de 30 minutos a 1 hora, mas a duração vai depender das regiões que serão injetadas.
2. Aplicação de botox: A aplicação de botox é utilizada para levantar ou corrigir o ângulo das sobrancelhas ou suavizar rugas de expressão, como pés de galinha, por exemplo. O botox consiste numa toxina, chamada de toxina botulínica, que provoca o relaxamento do músculo, prevenindo a formação de rugas.

Essa busca pela “perfeição estética” passa, necessariamente, pela cultura, que hoje, se tornou bandeira para um mercado da estética que nos promete um rosto “harmônico”, recortado pela imagem que molda e enquadra a boca, a mandíbula, as maçãs do rosto, as sobrancelhas e os dentes. Essa autoimagem de beleza e jovialidade, que por sua vez, nega as expressões do envelhecimento, é recriada nas redes sociais e nos impõe, em certa medida, um padrão de estruturas “perfeitas”. Especialmente no Instagram, há um destaque para os filtros que mudam o semblante de cada rosto e permitem, assim, mudar o nosso rosto do modo como desejarmos, tornando-o mais liso, belo, harmônico. Essa dismorfia promove uma espécie de “estigma da aparência”, em que a própria desfiguração se torna uma das fontes mais cruéis entre o individualismo e o holismo das relações e interações sociais (LE BRETON, 2018).

Quando colocamos para nossas interlocutoras a hashtag #harmonizaofacial e algumas de suas projeções imagéticas, a interlocutora A foi extremamente taxativa ao dizer que sabe o que significa harmonização facial na atualidade, mas que não vai aderir a nenhum desses procedimentos interventivos:

não tenho desejo nenhum de colocar botox ou fazer um preenchimento... isso são imagens... nada aí é real. E além do mais... não temos como ser jovens para sempre, e por isso a gente deve se aceitar... buscar mais qualidade de vida do que querer ter 20 anos. Vivi muito bem meus 20 anos... e procuro viver meus 60 tão bem quanto! (Interlocutora A, 22 ago. 2022)

Nossa interlocutora B explicitou a importância da harmonização facial para sua autoestima:

busco muitas informações aqui [no Instagram] sobre harmonização. Conheci inclusive a Dra. Franciele, com quem fiz minhas últimas plásticas há um tempo atrás. E para mim foi importante, porque durante um tempo, tive depressão e vivi uma baixa estima no meu casamento... foi uma época difícil... isso que sempre me arrumei... mas às vezes só o

cabelo não adianta... enfim... estou envelhecendo... com um pouco de receio. Para mim a vaidade é muito importante e hoje temos todos estes recursos... além da sociedade. Vou a muitos eventos sociais, tenho um círculo de amizade muito grande... preciso sempre estar bem! Semana passada, levei minha neta que fez preenchimento na boca... já aproveitei para marcar umas coisinhas [risos]. (Interlocutora B, 22 ago. 2022)

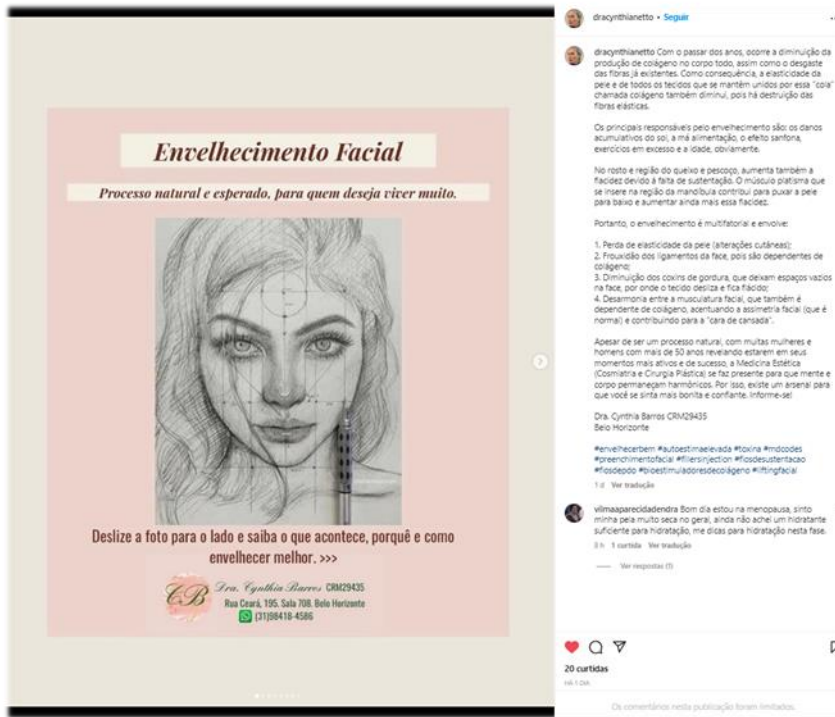
A interlocutora C, por sua vez, reconhece a harmonização facial e faz uso de suas técnicas para manter a imagem:

O botox eu faço sempre... não posso deixar cair tudo [risos]. E meu marido, que também é pastor, faz e é mais vaidoso do que eu! Mas 'um filtrinho' tem o seu valor! [risos]... embora eu tente ser igual seja no Instagram... seja pessoalmente. Outro dia depois do culto, uma filha querida veio me perguntar o que eu passava na pele pra estar sempre tão bonita... 'parecia uma seda' disse ela. Não podia contar né... mas acho que não tem como não ver... querer enganar a idade não é fácil! [risos]. (Interlocutora C, 22 ago. 2022)

Sobre a repercussão da hashtag #harmonizacaofacial, podemos depreender que as três interlocutoras estão contextualizadas e familiarizadas com os sentidos atuais da expressão "harmonização facial", no que se refere às suas técnicas interventivas, aos profissionais, ao mercado que se estabelece em torno desses procedimentos. Entretanto, a forma como cada uma delas reage à ideia das práticas de harmonização diverge, em matéria de identidade e subjetividade (HARAWAY, 2000; TURKLE, 2005), levando em consideração tanto critérios de personalidade quanto de sociabilidade.

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
 Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida

Imagem 5 – sequência de um post com as hastags #envelhecerbem e #harmonizacaofacial



Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
 Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida



Fonte: Instagram. Acesso em 22 de agosto de 2022.

Para finalizar, na sequência de figuras supracitadas (Imagem 5) que constituem uma única postagem que reúne as duas hashtags #envelhecerbem e #harmonizacaofacial e que trazemos como exemplo, podemos perceber a conjugação de uma série de elementos imagéticos que há pouco mencionamos. Na “preocupação” dos profissionais da área da harmonização facial em “informar”, as discursividades técnicas são misturadas com as estéticas e até psicológicas, em que a condução para a construção imaginária de padrões de beleza traça seus referentes e a consequente busca por procedimentos interventivos que “barrem” os efeitos próprio envelhecimento se torna o objetivo final. Esse tipo de “coerção mercadológica” reforça aquilo que Beauvoir (1990) já preconizava

quando esclarecia a centralidade da própria cultura ocidental para lidar com o envelhecimento nas sociedades ocidentais.

6 Conclusão

As mudanças ao longo da história da humanidade também dizem respeito aos sentidos que o envelhecimento vai assumindo ao longo do tempo. Houve um tempo e culturas em que envelhecer era sinônimo de sabedoria; hoje, quando buscamos sinônimos para o envelhecimento nos diversos dicionários, encontramos palavras como “desgaste”, “abatimento”, “enfraquecimento” (HOUAISS, 2008, p. 236), sem contar nos sentidos do verbo que denota a ação de envelhecer, em que palavras como “definhar”, “caducar”, “embranquecer” e “enrugar” aparecem como sinônimos. O que fica claro, é que esses sentidos perfazem um imaginário de cunho negativo do qual muitas mulheres buscam fugir e entram, assim, nos dilemas culturais, estéticos e clássicos como o envelhecimento e a jovialidade, a feiura e a beleza e uma série de retóricas que estão imbricadas nessas dicotomias e têm impactos diretos em nossos comportamentos.

Para tanto, por meio dos diálogos com as interlocutoras sobre #envelhecerbem e #harmonizacaofacial, uma delas menciona Jane Fonda, conhecida atriz americana que fora padrão e uma referência em beleza nos anos de 1960. A atriz nasceu antes da 2ª Guerra Mundial e hoje, com mais de 80 anos, tornou-se um emblema do chamado “envelhecer bem”. Ela relata o medo de envelhecer e seus dilemas, além de como podemos lidar com o envelhecimento na velhice:

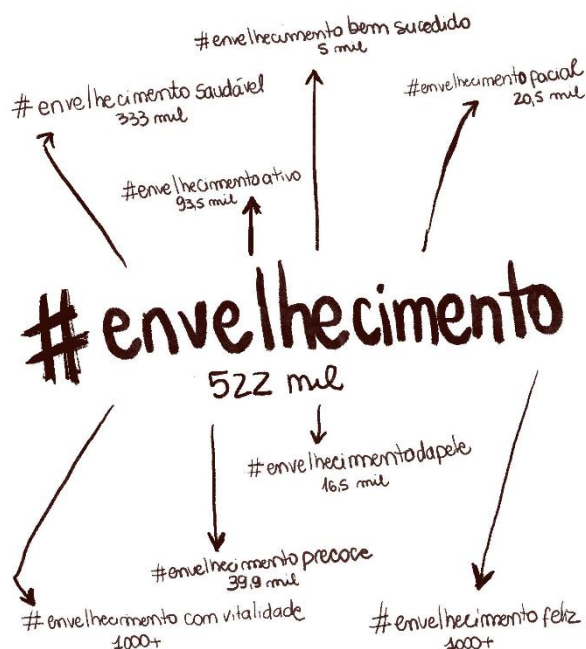
Já fiz cirurgias plásticas, mas a verdadeira razão porque pareço mais jovem é a minha postura. Eu tinha medo de envelhecer [quando era mais nova] e nunca imaginei que fosse viver tanto tempo. Mas quando estamos na velhice o medo desaparece e descobrimos que ainda somos nós próprios. (FONDA, 80 anos, atriz de cinema, 2017)⁸

⁸ Fonte: <https://observador.pt/2017/12/21/jane-fonda-a-mulher-que-tinha-medo-de-envelhecer-faz-80-anos/>
Acesso em: 03 nov.2022.

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida

Entendendo o imaginário como balizador da nossa própria humanidade, podemos perceber a invenção criativa de sentidos a partir da construção de representações que acabam por configurar nossos ideais de vida, que, de alguma forma, nos fazem projetar a vida sob um signo do belo e das orientações e ostentações estéticas do mundo. Nesse viés, as construções imagéticas contemporâneas são sempre relacionadas com os sentidos que as ressignificam, em especial, com relação ao envelhecimento e suas interfaces nas redes sociais. Quando traçamos um certo tipo de rastreio semiótico por meio do encadeamento de hashtags do Instagram, podemos observar as relações que essa palavra estabelece com outras que podem nos dizer muito sobre como as pessoas enxergam o próprio envelhecimento na atualidade.

Imagem 6 – Correlação entre #envelhecimento e outras hashtags do Instagram e seus sentidos



Fonte: elaborado pelos autores, com base no acesso em 6 de abril de 2023.

Ao analisamos a Imagem 6, podemos perceber as conexões de sentido do envelhecimento com a saúde, o tempo, a face e a pele, bem como a forma como vamos conduzir a velhice dentro de uma postura enquadrada. Nota-se com isso também que, por meio da observação do volume de publicações, há uma diferença da ordem de importância e preocupação que conduz para um determinado comportamento do envelhecer em detrimento da preocupação com as relações do envelhecimento com a felicidade e a vitalidade, levando em consideração ainda os significados e sentidos que essas palavras assumem para cada imaginário humano.

Assim, os relatos das interlocutoras nos fazem pensar um pouco sobre a dimensão que as redes sociais, em especial o Instagram, podem, a partir de seus algoritmos, moldar nossos comportamentos ou visões de mundo. Para tanto, viver na atualidade e sob a influência das redes sociais digitais implica, em grande medida, incorporar tais sentidos em comportamentos e ações cotidianas que possam nos fazer sentir pertencer aos novos sentidos e sermos vistos com as novas lentes do que significa, hoje, envelhecer.

Ao expormos pessoas a esses caracteres imagéticos sociais e culturais, as três interlocutoras nos demonstraram a influência midiática presente em suas construções imaginárias sobre beleza. Edgar Morin (2009, p. 105) explicita que “a informação transforma esses olímpicos em vedetes da atualidade”. Ao analisar a cultura de massa, o referido autor explica a importância dos “olímpicos” que se tornam “modelos de cultura” (MORIN, 2009, p. 107), ou seja, personas midiáticas projetadas pelos processos de informação e comunicação e que, por sua vez, afetam profundamente a forma como nos relacionamos com a própria cultura, entre o imaginário e o real.

Na perspectiva da sociedade ocidental contemporânea e de seus sentidos para o envelhecimento, o imaginário sobre o processo da velhice vai tomando contornos e traçando, na prática, caminhos para uma estetização. Na eterna obra de Wilde, Lorde Henry, mentor de Dorian Gray, estabelece um parâmetro de beleza, quando diz: “Quando sua juventude se for, sua beleza irá com ela”. Mas, a que beleza estamos nos referindo? Na harmonia consigo próprio, os passos do individualismo estetizado e moderno nos fazem perder o direito de envelhecer.

Nas novas experiências vividas, os cotidianos que já não separam mais a vida entre o *on* e o *off line*, dificultam a relativização da perfeição, e a cada nova informação que pretende nos oferecer um *#envelhecerbem*, por meio de um leque de opções técnicas que uma *#harmonizacaofacial* apresenta, promovendo o fascínio por aquilo a que somos conduzidos acreditar ser o “belo” enquanto faceta da própria beleza, ao mesmo tempo em que reiteramos a própria inclinação humana a cultuar a estética, nos tornamos reféns desse culto ideal. Para tanto, esse ideal não diz respeito somente aos possíveis ideais de beleza construídos nos frames das postagens do Instagram. Ele também dita comportamentos, as preferências e toda e qualquer ação que os indivíduos buscam em prática para dar sentidos particulares as suas próprias vivências de envelhecimento.

Constatou-se que as três mulheres com as quais realizamos interlocuções estão expostas a um imaginário construído e presente nas redes sociais e que as conduz a escolhas comportamentais sobre tratamentos e procedimentos estéticos dada a forma como a velhice é abordada na sociedade ocidental contemporânea e, em especial, no que foi possível observar no escopo abarcado pelo corpus empírico desta pesquisa. Entretanto, há que se observar que esse imaginário sobre modos de envelhecimento é anterior às redes sociais, e talvez esteja tendo sua condição imagética mais exposta, direcionada e próxima dos indivíduos com o advento das próprias redes e plataformas. A hipótese que advém disso é que o fenômeno de autocomunicação de massas (CASTELLS, 2017), implicado pelas redes sociais digitais, possivelmente seja ainda mais influente sobre comportamentos individuais ao moldar mais ideais estéticos do que o modelo anterior da cultura de massas, pois é promulgada e reforçada por contatos pessoais das pessoas imbricadas em tais redes.

Evidentemente, nas sociedades ocidentais, cada vez mais, através das imagens projetadas pelas velhas e novas mídias, somos esteticamente educados a valorizar a jovialidade e a estigmatizar a velhice. Sobre isso, os impactos e implicações são inúmeros: vão da velhofobia à dismorfia social e digital. Assim, buscamos pensar sobre a tecnologia em suas plataformas, sobretudo o Instagram que aqui tratamos e ao qual somos expostos a todo o momento e que, por sua vez, com seus algoritmos, estimula cada indivíduo a novas formas de buscar permanecer jovens ou de ter mais longevidade a

partir de ações para o corpo, que, por vezes, não só pretendem que ele seja saudável, mas impõem que ele seja ideal. Nesse contexto oblíquo, em que nitidamente já não há uma separação clara entre o *on* e o *off line* em nossas vidas (HINE, 2015), uma pergunta muito pessoal deve ser feita e pensada: que velhice nós gostaríamos de ter? Mesmo em uma relação sinuosa com a internet e as redes sociais que nos acompanha sempre, Mirian Goldenberg (2011) vislumbra que, sobretudo, há uma forma positiva de envelhecer.

Quando penso em uma forma positiva de envelhecer, penso em homens e mulheres que nunca foram e nunca serão controlados pelas normas sociais. São estes indivíduos que se reinventam permanentemente, que podem nos ensinar sobre a “bela velhice”. (GOLDENBERG, 2011, p. 83)

É preciso conquistar, através do tempo, a sabedoria e o discernimento para relativizar e entender que tipos de beleza devemos buscar e que velhice queremos viver, aprendendo, sobretudo, a classificar uma infinidade de postagens, imagens e afirmações que o universo imagético do Instagram nos oferece. Diante da finitude da vida e da impossibilidade da perfeição absoluta do rosto ideal pintado pelos indivíduos que constroem suas personas e redes no Instagram, Todorov (2011) nos sugere que se deve ser promessa de condição humana descobrir um sentido próprio ao longo da vida, que, quase sempre reside na beleza de construir seu próprio cotidiano.

Referências

ADLER, E. Aspectos emocionais da aposentadoria. In: VERAS, R. P. (org.). **Terceira idade:** alternativas para uma sociedade em transição. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1999.

BERGER, P.; LUCKMAN, T. **A construção social da realidade:** tratado de conhecimento. Petrópolis: Vozes, 2011.

BERGSON, H. **Matéria e memória:** ensaio sobre a relação do corpo com o espírito. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BOURDIEU, P. **A distinção:** crítica social do julgamento. Porto Alegre: Zouk, 2011.

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BOURDIEU, P. **A distinção: crítica social do julgamento**. Porto Alegre, RS: Zouk, 2011.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

CARDOSO DE OLIVEIRA, R. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever**. São Paulo: Editora Unesp, 2000.

CASTELLS, M. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

CÍCERO, M. **Saber envelhecer**. Porto Alegre: L&PM, 2010.

DINO. **Harmonização facial cresce cada vez mais no Brasil e no mundo**. Metrópolis, São Paulo. 16 out. 2020. Disponível em: <https://www.metropoles.com/dino/harmonizacao-facial-cresce-cada-vez-mais-no-brasil-e-no-mundo>. Acesso em: 03 nov. 2022.

ECO, U. **História da feiura**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

FELIX, P. **90% dos brasileiros têm medo de envelhecer**. Estadão, São Paulo, 30 jul. 2015. Artigo disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/estado/2015/07/30/90-dos-brasileiros-tem-medo-do-envelhecimento-diz-pesquisa.htm>. Acesso em: 03 nov. 2022.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2017.

GOLDENBERG, M. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, Ed. 18, v. 9, n. 2, p. 77-85, 2011. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/contemporanea/article/view/2143>. Acesso em: 20 jan. 2023.

GOLDENBERG, M. "A velhofobia está cada vez mais explícita, perversa e cruel", diz antropóloga que estuda o envelhecimento. **GZH Comportamento**, Porto Alegre, 2020. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/comportamento/noticia/2020/06/a-velhofobia-esta-cada-vez-mais-explicita-perversa-e-cruel-diz-antropologa-que-estuda-o-envelhecimento-ckbm80accq0090015n60dfk3a1.html>. Acesso em: 30 nov. 2022.

HALLAWELL, P. **Visagismo: harmonia estética**. São Paulo: Ed. SENAC, 2010.

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida

HARAWAY, D. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). **Pensamento feminista: conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2000.

HEGEL, G. **Curso de estética: o belo na arte**. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

HINE, C. **Virtual ethnography revisited**: paper summary prepared for session on Online Research Methods. Oxford: Research Methods Festival, July 1st 2004.

HINE, C. **Ethnography for the Internet: embedded, embodied and everyday**. Bloomsbury: Lenders, 2015.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss: sinônimos e antônimos**. São Paulo: Publifolha, 2008.

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. São Paulo: Globo, 2014.

JOLY, M. **Introdução à análise de imagem**. Campinas: Papirus, 1996.

LE BRETON, D. **Rostos: ensaio de antropologia**. Petrópolis: Vozes, 2018.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis: Vozes, 2011.

LUPTON, D. **Digital sociology**. London: Routledge, 2015.

MAGNANI, J. A etnografia como prática e experiência. **Revista Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 15, n. 32, p. 129-156, 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/6PHBfP5G566PSHLvt4zqv9j/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 03 nov. 2022.

MALINOWSKI, B. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARQUES, Ana Cristina. **Jane Fonda: a mulher que tinha medo de envelhecer faz 80 anos**. Artigo Online: Observador. Lisboa, 2017.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

MILLER, D; HORST, A. **Digital anthropology**. London: Berg, 2012.

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida

MORIN, E. **Cultura de massas no Século XX**: volume 1: neurose. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

ROSE, N. **The Politics of Life Itself**: biomedicine, power, and subjectivity in the Twenty-First Century. Princeton: Princeton University Press, 2007.

SANTAELLA, L.; NÖTH, W. **Imagem**: cognição, semiótica, mídia. São Paulo: Iluminuras, 2013.

SIQUEIRA, M. **Vivendo bem até mais que 100!**: envelhecimento, saúde e políticas públicas para idosos no Brasil. 2014 Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/102255>. Acesso em: 20 jan. 2023.

SIQUEIRA, M.; ALMEIDA, F. A política do envelhecimento ativo: a construção de um "novo paradigma" para uma sociedade que envelhece. In: AZAMBUJA, M. (org.). **Entre os laboratórios e as políticas de saúde**: éticas e estéticas das ciências da vida. 1. ed. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2017. p. 155-191.

WILDE, O. **O retrato do Dorian Gray**. São Paulo: Abril, 2010.

TODOROV, T. **A beleza salvará o mundo**: Wilde, Rilke e Tsvetaeva: os aventureiros do absoluto. Rio de Janeiro: DIFEL, 2011.

TURKLE, S. **The second self**: computers and the human spirit. London: The MIT Press, 2005.

TURKLE, S. **Alone together**: why we expect more from technology and less from each other. New York: Perseus, 2011.

UCHÔA, E. Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 849-853, 2003. Disponível em: <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/0432.pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

WEBER, M. **A ética protestante e o "espírito" do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recortes de um rosto: a intervenção de um ideal estético do Instagram no envelhecer do século XXI
Morgana de Melo Machado, Francis Moraes de Almeida

Contribuições de autoria

Morgana de Melo Machado: conceituação; curadoria de dados; análise formal; investigação; metodologia; administração do projeto; validação; visualização; escrita – rascunho original; escrita – análise e edição.

Francis Moraes de Almeida: conceituação; análise formal; metodologia; administração do projeto; validação; visualização; escrita – análise e edição

Recebido em: 25/08/2022

Aprovado em: 09/03/2023

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

PerCursos

Volume 24 - Ano 2023

revistapercursos.faed@udesc.br